

Justificava-me culpando a guerra. Minha importância baseava-se no fato de que todo mundo se interessava por estar prontamente informado dos acontecimentos. Diplomatas e políticos sabiam que, sobre minha mesa, encontrariam sempre a notícia da última hora. Meu telefone funcionava sem descanso. Foi preciso instalar um número reservado. Todos os dias, visitavam-me ou chamavam-me funcionários do governo, das embaixadas, de grandes empresas, etc. E, como era natural que ocorresse, estes contatos profissionais logo se converteram em amizades pessoais. Meu círculo se ampliou. Começaram a chegar os inevitáveis convites para festas, homenagens e reuniões íntimas que organizava um ou outro grupo. E eu, que não encontrava tempo para ir à igreja durante meia hora nas tardes, encontrei-me podendo atender a todas estas funções sociais. Por certo que sempre recorria àquela desculpa: “Trata-se da guerra e eu devo ao público que paga meus serviços.”

Quando um dia dei uma explicação pelo estilo a meu amigo, ele me olhou com uma expressão compassiva e, tomando um “bloquinho” em branco sobre minha mesa, escreveu:

“Nunca te sintas tão perfeito que baixes a guarda ou alivies a vigilância. Queira-te bem, mas não prostituas a ti mesmo.”

— Conserva-o onde possas vê-lo amiúde — disse-me ao entregá-lo.

Logo, pôs-se em pé e se foi.

Passaram vários meses sem que o visse. Muitas vezes eu recordava dele. Suas estranhas observações, seu oportuno conselho sobre problemas nos quais lhe supunha totalmente ignorante. Tudo isto e minha própria consciência me produziam uma rara inquietude cada vez que pensava nele e lia suas palavras.

Por aquela época começou o furor da “boa vizinhança”. Começou o furor pan-americanista. As intrigas internacionais, as quais mais mesquinhas, floresciam por todos os lados. Pude dar-me conta de que várias potências europeias, supostamente amigas dos Estados Unidos, combatiam disfarçadamente a ideia da boa vizinhança. Todos queriam tirar uma

verdadeira forma de rezar.

— Tens rezado muito intensamente, mas sem te dares conta.

Respondi, contando-lhe minhas experiências de estudante.

— Vê — disse-me. — A ignorância esteve a ponto de cegar-te por completo. E agora és tu quem negas o alimento que tua alma precisa. Não creias que agora vais poder culpar disso a teus professores, a teus confes-sores ou a teus padres. Podia tê-lo feito até a pouco; agora isso já te está vedado. Se tens interesse em saber algo a mais acerca do Pai Nosso, por exemplo, começa a desentranhar o que verdadeiramente significa perdoar a nossos devedores. Digo-te estas coisas porque a ignorância sincera é perdoável, mas não a hipocrisia, nem a mentira, nem a preguiça.

— E como farei isso?

— Da mesma maneira que tens feito com os demais. Por exemplo, aquele verso que diz “livra-nos de todo o mal” tem-lo vivido a teu modo. E viver uma súplica é mais importante do que formulá-la. Foste à igreja para pedir mais inteligência, segundo me contaste. A inteligência é justamente um atributo do reino dos céus. Foi-te dado certo entendimento. O outro verso: “não nos deixeis cair em tentação,” tem-lo experimentado em tua vivência de horror ante o fato de que estavas tornando-te insensível.

— Mas este é um modo muito estranho de orar! — disse-lhe assombrado.

— É o único modo do coração. Para entender as orações é preciso ter uma ideia, ainda que seja aproximada, da Comunhão dos Santos. Cada uma das orações que conhecemos é um tratado sintético de conhecimentos de grande envergadura. São Psicologia que os psicólogos correntes ignoram. O Pai Nosso, por exemplo, pode ser para o indivíduo uma escada de Jacó com que chegar ao céu, se o indivíduo o vive. Para um físico pode ser um meio de explicar a natureza do Universo. E conheço um homem dedicado à astronomia que o entendeu para benefício de seus estudos. Estas orações são a obra da Comunhão dos Santos. Neste instante a Comunhão dos Santos tem muitos nomes, segundo seja o Credo que cada raça pratica. Não é uma organização estatuída, senão um palpitir de vida

universal. São os guardiões da cultura e da civilização, os ajudantes de Deus.

— Muitas vezes me falas acerca do alimento da alma. A que te referes?

— A um alimento tão real como o que o corpo necessita. Isto se desprende das palavras de Jesus: “Nem só de pão vive o homem, senão de toda a palavra de Deus.” O alimento físico contém energias que nutrem a alma. É necessário para o crescimento. E, por crescimento, refiro-me ao crescimento interior. Quando o homem come, bebe e respira com o propósito fixo de alimentar sua alma, extrai dos alimentos, do ar, das bebidas, certas substâncias especialmente nutritivas. Mas há um alimento superior a este e é o que nos impressiona intimamente. Todos sabemos que os desgostos entorpecem a digestão e um desgosto é uma impressão. Os transtornos hepáticos produzem um caráter azedo. De modo que, alimentando-se adequadamente de impressões, já sejam estas internas ou externas, podemos nos nutrir melhor ou pior. Mas isto requer estudos e esforços. Por exemplo, há os que rezam antes de alimentar-se, invocam a benção do Altíssimo, mas durante a refeição, tagarelam, discutem ou altercam. Durante o processo digestivo há os que até lançam maldições. Ou seja, não têm uma continuidade em seus propósitos. Mediante a continuidade de propósitos se forma no homem um órgão novo. Mas é preciso que este órgão exista potencialmente e seja capaz de crescer.

— Que órgão é esse?

— Agora não o entenderias porque estás convencido de que já o tens. Todo mundo está convencido do mesmo, como estão convencidos da continuidade de seus propósitos. Dir-te-ei unicamente que se forma de uma maneira e não de duas<sup>4</sup>: sofrendo deliberadamente e esforçando-se por seguir a voz da consciência.

— Mas todo mundo sofre.

— Não. Os sofrimentos lhes chegam como lhes chegam os prazeres. Sofrer deliberadamente pressupõe certo grau de vontade. De vontade

4 N.T. “...se forma de una manera e no de dos...”

e três dimensões do tempo, que o símbolo hebreu da estrela de seis pontas era um indicativo de que espaço e tempo eram uma só coisa ou ser. Se bem me recordo, em certa oportunidade também disse que as palavras de Jesus: “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida,*” podiam tomar-se em física como as três dimensões do tempo, além de constituir um processo de ordem cósmica que, junto com outros cinco processos baseados na trindade, constituíam todos os processos universais em todos os graus de ser. Porém, como já lhes disse, sobre isto não conservo anotações de suas palavras, ainda que conclua que há textos sobre isto em alguma parte. Muitas outras coisas que me disse entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Nesta época estava interessado em muitas coisas à parte de minha amizade com ele. Mas nossa amizade se mantinha firme. Não era um homem ostentoso. Vestia-se bem, mas sem luxo. Com um pouco mais de alinhamento teria sido um homem elegante. Por alguma razão tratava de vestir-se muito discretamente e parecia querer não chamar a atenção; porém, segundo minha forma de ver, chamava-a ainda que não quisesse fazê-lo.

Muitas vezes, fiz-me o propósito de ponderar as coisas que ele dizia. Transmitia sua calma, sua serenidade. Eu, em troca, era um barril de pólvora num dia e no seguinte, um mar de ternura. Quando sofria alguma contrariedade, não podia menos que recordar suas palavras. Ambos seguimos concorrendo à mesma igreja todas as tardes. Mas em consequência da guerra minha vida começou a mudar velozmente, e o tempo foi ficando mais curto. De visitas rápidas e cada vez mais isoladas à igreja, passei há vários dias de ausência; estes se converteram em semanas e logo me dei conta de que já havia deixado de rezar e também de que havia deixado de ter essas conversas com meu amigo a quem não via senão quando ele, sem prévio aviso, apresentava-se em meu escritório.

Minha situação havia melhorado muitíssimo, era um homem próspero. Tinha um cargo importante e, como todos os homens “importantes”, carecia de tempo para muitas coisas, como, por exemplo, para cumprir a promessa que eu mesmo havia feito de não faltar nenhum dia ao templo.

## Capítulo VII

**V**oltamos a nos reunir no começo do outono seguinte. Notei certas mudanças nele, mas não poderia explicá-las. Evitou os temas em torno dos Evangelhos. Unicamente uma vez, quando lhe disse que não podia compreender como era tão devoto de Jesus Cristo e ao mesmo tempo tão dado à leitura das obras Mayas, Incas, Guaranis, Hindus e Chinesas, fez-me esta observação:

— Cada povo, cada raça, cada nação, cada época tiveram mensageiros que deram testemunho da mesma e única verdade, ainda que tenham empregado palavras diferentes, símbolos diferentes e diferentes alegorias. Palavras, símbolos e alegorias não têm um valor permanente em si mesmo; são unicamente meios que temos que ir descartando pouco a pouco à medida que cresce o entendimento e a vivência da realidade. Mas, durante muito tempo em nossas vidas, não podemos senão ver palavras nas palavras e símbolos nos símbolos. Quando percebemos que dois símbolos não são iguais, pouco nos preocupamos em averiguar se estamos ou não com razão; cremos durante muito tempo que as diferenças externas tem a mesma diferença interior. Mas cada símbolo é uma palavra e cada palavra é um símbolo. Quantos sabem verdadeiramente o que estão dizendo quando dizem “eu”?

A esta explicação seguiu algo sobre as dimensões do tempo e as dimensões do espaço. Como já indiquei, eu anotava a maioria das coisas que ele dizia. Mas, nesta oportunidade, não o fiz e recordo vagamente algo assim como que o espaço é o tempo, que há três dimensões de espaço

própria. Todos sabemos que o ódio é mal e que o amor é bom. Sabemos que devemos amar a nossos inimigos. Sabemos estas coisas de memória, mas não podemos aplicá-las, simplesmente, porque não temos o grau de vontade suficiente para levá-las à prática, de modo que a sociedade em que vivemos conluia com o que chama de debilidade humana e esquece o princípio. Para poder sofrer deliberadamente é necessário ter a força de sobrepor-se ao sofrimento accidental. E isto não significa fugir para os prazeres, porque quem sofre accidentalmente também goza accidentalmente. É preciso sobrepor-se ao accidental. E isto só é possível mediante uma continuidade nos propósitos, num claro entendimento de muitas coisas, a maioria das quais a educação moderna ignora ou despreza.

Poucas vezes tivemos uma conversa tão longa. Teria gostado de continuá-la, mas ele logo desviou a conversação e planejamos novos passeios de bicicleta.

## Capítulo VI

**P**assou muito tempo antes que voltássemos a tratar destes assuntos. Durante este tempo, quis compreender suas palavras e revisei repetidas vezes minhas anotações. Mas não entendi grande coisa. As poucas vezes que concluímos um tema, ele evitou aprofundá-lo, e por minha parte deixei de fazer as anotações, de modo que agora seria impossível reconstruir as frases soltas e as explicações que ele me deu sobre muitos pontos.

Interessava-me especialmente sobre o alimento da alma. Mas ele insistia em que era preciso, primeiro, despertar.

— Que queres me dizer com isso de despertar? — perguntei-lhe um dia.

— Ainda não te dás conta?

— O despertar ou a vigília de que falo é difícil, mas não impossível. É um contínuo esforço, um permanente andar às cegas durante muito tempo até que logramos compreender nossas falácias. Mas chega o grande momento a quem mantém vivo o esforço. Então se notam as possibilidades latentes no homem. É algo que se sabe por si mesmo, não se necessita que o diga ou interprete. Descobre-se no corpo distintas classes de vida, distintos níveis. Então, já não se anda às cegas. Sabe para onde vai e sabe porque faz tudo quanto faz. Os Evangelhos se convertem em um guia muito valioso. Vê. Nem tu nem eu podemos dizer que somos discípulos de um ser tão magnífico e glorioso como Jesus Cristo e cremos estar despertados. No horto de Gethesemani os apóstolos, os discípulos caíram dormi-

*“Não duvides da dúvida, e duvida.  
Mas duvida com fé e até duvida da fé.  
Pois não é a dúvida inércia na pendência da fé  
até a escuridão  
e força no impulso para alcançar a compreensão?  
Não duvides, e no entanto, duvida  
de tudo quanto creias verdadeiro  
por que a dúvida também é verdadeira,  
em si e por si.  
Duvidando da dúvida,  
e duvidando com fé e da fé,  
verás o ilusório da dúvida e a fé  
derrubar-se a teus pés...  
E elevar-se majestosa ante teus olhos  
a dúvida feita Verdade.”*

*Porque assim como a vida vai à morte por amor, assim o amor ressurge da morte de onde há um coração desperto, que saiba contê-lo em seu amar e em seu morrer.*

*Com cada beijo morre um pouco a alma ao esquecer que é vida no amor.*

*E, pelo mesmo, com cada beijo pode reviver a alma de quem saiba morrer.*

*Oh! Paradoxo da Criação!*

*Em cada alento de amor, há um suspiro que é eternidade.*

*Em cada carícia também arde o fogo da morte e da ressurreição.*

*Elevai o amor simples e sensível aos cumes mais altos!*

*E que o amar e o beijar sejam uma oração de vida ao mais íntimo ser que é a verdade e é Deus.*

*Porque não sois vós os que amais, senão o amor do Pai que se agita em vós.*

*Vossa será sua mais poderosa benção se, em cada beijo que dais e recebeis, santificardes seu nome, guardando sua presença em vossos mais íntimos anelos.*

*E em vosso amor, buscai primeiro o reino de Deus e sua Justiça, que todo o demais, até a dita de ser, ser-vos-á dado por acréscimo.*

*E não temais amar; antes temei a quem possa converter vosso amor em prejuízo ou maldade.*

*Fazeis de vossa união um caminho sereno até os céus.*

*Contanto que leveis sua presença em vossos corações, estareis em verdade amando a Deus por sobre todas as coisas ao mesmo tempo em que vos amais uns aos outros.*

*E, no instante de vossa suprema dita, sereis um com Ele e com sua Criação.”*

Não voltei a vê-lo durante algum tempo, pois teve que fazer uma viagem prolongada. Trocamos algumas cartas. Recordo que em uma delas eu lhe perguntei como alguém poderia alcançar semelhante entendimento da vida e do amor. Sua resposta chegou na forma desta paradoxal poesia:

dos...

Meu amigo disse estas últimas palavras com um tom tão reverente que me impressionou; seus olhos começaram a encherem-se de lágrimas e ele as deixou correr por suas bochechas sem se envergonhar por isso. O que segue, disse com voz entrecortada por uma emoção tão poderosa que, por instantes, sacudiu a mim também. Fiquei perplexo. Ele seguiu dizendo:

— Um apóstolo é por si um homem superior e Jesus foi uma inteligência como raras vezes se viu na Terra. Todavia, há os que pensam que se rodeou de bobalhões e ignorantes. Os apóstolos tinham uma vontade à prova de muitas coisas; de outro modo não poderiam ter vivido próximos de Jesus, entretanto, todos lhe falharam nos últimos dias. E essa é a história do crescimento interior do homem, cheia de altos e baixos.

Ambos guardamos silêncio. Eu não quis continuar interrogando-o por medo de produzir novos transtornos. Ele percebeu minha atitude e disse:

— Não interpretes mal esta emoção; não é debilidade, é força. É um meio como se obtém um extraordinário entendimento.

Havia-me chamado poderosamente a atenção, sua referência à inteligência de Jesus e a de seus discípulos. Por alguma razão, pensei que Judas devia ter sido o mesmo que os outros e disse-lhe isso.

— Em primeiro lugar — disse ele. — É preciso que insista sobre um fato. Para ser discípulo de alguém como Jesus Cristo é preciso haver visto algo, haver compreendido algo; é necessário conhecer algo verdadeiramente real. Agora bem; diz-se que os discípulos eram pescadores. Jesus lhes disse que os faria “Pescadores de Homens”. Isto significa que os discípulos já tinham uma preparação espiritual quando tomaram contato com o Mestre. Se não soubessem algo verdadeiramente real, não poderiam reconhecer ao Cristo em Jesus, não poderiam valorizar devidamente seu Ensino. Aproximar-se ao Cristo pressupõe já uma inteligência de certo desenvolvimento, certo grau de vontade e um sentimento mais ou menos profundo da verdade. Naturalmente que, depois da crucificação

tudo mudou, mas isto é outra coisa. Em segundo lugar, supor que Judas pôde enganar a Jesus é pouco menos que blasfemar. A relação entre Cristo e seus discípulos é uma relação que o homem não pode conceber em termos de uma vida ordinária, baseada nas compreensões que aportam os sentidos. É necessário ir além dos sentidos. Ou seja, formar-se olhos para ver e ouvidos para ouvir; ver e ouvir mais significados que fatos isolados; ver e ouvir em um plano de relações. Diz-se que Judas traiu Jesus, mas, quando se capta o significado dos fatos, imediatamente se percebe que a conduta de Judas não foi obra de sua própria vontade; foi obrigado a vender Jesus. O significado de “vender” na linguagem do Evangelho está relacionado com a pobreza ou riqueza em espírito. Somente recorda que se descreve o reino dos céus como algo muito precioso, que um bom mercador encontra e que em seguida “vende” tudo quanto tem para fazer-se dono dessa preciosidade. Inverte o processo para aproximar-te a um entendimento. O mistério de Judas é um dos mistérios que mais nos confundem. Jesus sabia que ia morrer. Além do mais, sabia como ia morrer. Sua morte já estava predeterminada, de modo que não cabia traição alguma, porque qualquer traição requer o elemento de uma confiança baseada numa ignorância. Pense um pouco. Porque Jesus insiste em que Ele escolheu aos doze e que um deles era o diabo. Olhando os fatos retrospectivamente, resulta muito fácil julgar e condenar a Judas em base ao que outros interpretam. Mas, desentranhar o mistério por si mesmo, levado só pela ânsia de conhecer a verdade, já é outra coisa. Todos levamos um Judas dentro de nós, como levamos a um Batista, a um Pedro, um João e a quase todos os personagens que figuram nos Evangelhos. Conforme se entende que estes escritos tratam principalmente do desenvolvimento interior do homem, começa-se a ver a legião de personagens em si mesmo e também os fatos e acontecimentos que os relacionam.

Outro ponto que me interessava era saber sobre o amor e as relações sexuais. Quando abordei este assunto, uns dias depois do caso anterior, disse-me:

— O amor é a chave de tudo, porque é a força que conserva e mantém tudo. A fórmula “Amar a Deus sobre todas as Coisas e ao próxi-

mo como a si mesmo” requer uma consideração muito profunda. Ninguém pode amar ao próximo mais do que a si mesmo, mas amar a si mesmo requer certos tipos de impressões um pouco difíceis de explicar. Se vemos e consideramos o amor desde o ponto de vista das impressões, veremos que os que estão enamorados veem tudo cor-de-rosa. Esse é um alimento muito especial. Mas quando se ama com sabedoria, quando se ama conscientemente, com pleno conhecimento, com plena compreensão, as delícias de um enamorado não são nada comparadas com as delícias do amor que, somente, brotam do espírito. Amar a si mesmo é anelar o crescimento interior e isto requer normalidade. Não pode se amar quem sofre uma inibição ou uma frustração. De modo que amar a si mesmo implica necessariamente no equilíbrio normal de todas as funções, inclusive a sexual. Mas isto é difícil de entender, a menos que se entenda o adultério no amor. O adultério no amor, deste ponto de vista, é ter uma relação amorosa ou sexual com quem não se ama integralmente. E o amor há de ser mútuo. Só o amor consciente pode produzir um verdadeiro amor. Há uma diferença muito grande entre amar e estar enamorado; o primeiro pressupõe conhecimento de si mesmo até certo ponto e entendimento de certas leis. O segundo é uma coisa predeterminada pela natureza para os fins da criação e manutenção da vida. Para uma evolução consciente é preciso o equilíbrio, a normalidade. Isto o determina a própria compreensão. Ao abordar este assunto os Evangelhos utilizam a expressão “eunuco”. Mas antes de indicar isto, indica-se que o mandato vem pela palavra interior. E isto é a compreensão.

Poucos dias depois, meu amigo me presenteou um texto, um poema, cujo contraste com a aridez de suas palavras explicativas, que citei, chamou-me muito a atenção. O poema dizia assim:

*“Deus deu ao Sol por esposa a Terra e bendisse esse amor quando criou a Lua.*

*Assim também criou a ti, mulher, para verter sua vida no amor humano.*

*E para que no prazer de amar, encontre a alma a senda do retorno para onde é sempre hoje, onde não há sobrevir.*